

VIDA DE CÃO

Jerzy Grotowski costumava dizer que a vida de uma companhia teatral é uma vida de cão: dura 12 a 14 anos, 16 anos no máximo. De uma forma que lhe era peculiar, usava as pausas do discurso para induzir sentidos diversos na frase, fazendo com que os seus interlocutores se interrogassem sobre o que efectivamente queria dizer com isto. Depois, com o seu humor de polaco, arvorava um sorriso e mudava de assunto, recusando-se terminantemente a esclarecer as questões que suscitara.

Quando em 1991 comecei a delinear o plano genérico do que viria a ser o Acto – Instituto de Arte Dramática julgava ter bem presentes as várias acepções em que se poderia entender este ensinamento de Grotowski. Sabia que seria um projecto orgânico e grupal, isto é, um projecto de vida para vários indivíduos e que, como tal, a dada altura se esgotaria. Sabia também que, como a vida de um cão, a minha actividade seria norteada pelos princípios de dedicação, dádiva, lealdade e serviço e que, em retribuição, teria que me contentar com escassas manifestações de apreço e reconhecimento.

Para as pessoas que, ao longo dos anos, participaram nesta iniciativa, estas noções estiveram sempre presentes. E, não obstante a certeza da inevitável finitude do projecto e as reais dificuldades que a sua concretização todos os dias foi impondo, nunca deixaram de dar de si o seu melhor, oferecendo o seu trabalho e o seu esforço, mas também a sua expressão mais íntima, as mais autênticas aflorações das suas vivências artísticas.

Singular paradoxo: quanto maiores os obstáculos que se enfrentam, quanto maior a indiferença com que é acolhida, tanto mais gratificante e enriquecedora é a dádiva expressa na acção artística.

UMA IDENTIDADE SINGULAR

Ao longo de cerca de quinze anos o Acto constituiu-se como uma identidade singular no panorama das artes performativas em Portugal. Sobretudo a partir de 1996 quando, a convite do executivo autárquico, se fixou em Estarreja com a intenção de aí participar num ambicioso projecto de requalificação cultural e social, assumindo as funções de estrutura artística residente no Teatro Municipal, realizando acções de formação e sensibilização artística, promovendo uma programação cultural formativa e socialmente valorizante e apresentando as suas arrojadas criações performativas.

Para um público mais alargado foi acima de tudo o Festival ESTA, um evento que alcançou grande visibilidade entre 1999 e 2004 ao afirmar-se como um dos mais

significativos festivais do género a nível nacional, que chamou a atenção para o audacioso projecto, geográfica e esteticamente periférico.

Não obstante, são os propósitos de pesquisa, investigação e experimentação sistemática que mais especificamente definem a identidade artística do Acto: a adopção de uma perspectiva metodológica sobre as questões técnicas e artísticas relacionadas com o ofício do actuante (performer) e a intenção de contribuir para o desenvolvimento de disciplinas de trabalho e para a definição de regras objectivas para a condução do processo criativo, definem o reportório identitário do Acto. Que, em vez de “companhia teatral”, se cognominou “instituto de arte dramática”.

A prática de disciplinas de *training* corporal e vocal, o desenvolvimento das metodologias “das acções físicas”, da “acção vocal” e da “interacção criativa”, o estudo das leis da mobilidade orgânica e da dinâmica corporal, a pesquisa sobre os processos da criatividade, a par com a experimentação transdisciplinar e a procura de novas linguagens poéticas, constituíram os eixos principais desse processo cujos resultados directos se consubstanciaram em acções de formação, seminários, conferências ou relatórios de pesquisa e constituem o principal legado do Acto embora, pela sua especificidade e grau de especialização requerido, a sua importância só seja reconhecível por uma pequena minoria.

Mas estas procuras técnico-artísticas e metodológicas consubstanciaram-se também em objectos performativos inovadores e arrojados, que desafiaram convenções e estimularam a fruição poética em públicos genericamente muito diferenciados. Sem falsa modéstia, para aqueles que tiveram a oportunidade ou ousaram assistir às criações produzidas pelo Acto, estas deixaram uma imagem vincada.

Alguns aspectos são comuns a todas as criações performativas do Acto: o rigor do desempenho comportamental dos actuantes e a sua plasticidade física, como súmula dos propósitos metodológicos enunciados, a procura de espaços não convencionais e de soluções inovadoras para as relações espaciais, a sobriedade dos artefactos, objectos e figurinos utilizados, a denotarem uma grande preocupação de economia cénica, o recurso ao texto como pretexto poético e a recusa sistemática do texto teatral, serão as principais características comuns a todas as criações do Acto e que as tornaram merecedoras do reconhecimento de um público que, sendo heterogéneo, sempre foi, não obstante, pouco abundante.

UM PROJECTO CONSUMADO

Sem desmerecer daqueles que ao longo dos anos nos gratificaram com a sua confiança, atenção e carinho, importa dizer que a produção artística do Acto teve sempre um público escasso e um reduzido reconhecimento institucional.

O reconhecimento foi principalmente obtido em circuitos internacionais, através de convites para festivais e prestigiadas salas de teatro, de co-produções que viabilizaram financeiramente as criações artísticas, de convites para ministrar seminários, workshops e acções de formação.

Não é com amargura que admitimos a falta de reconhecimento por parte dos públicos e das instituições nacionais. Afinal, sempre estivemos conscientes de que este é um país artística e culturalmente desfavorecido e esse foi o sentido da presença do Acto aqui.

Mas apesar da entrega ter sido total, ela foi mal aproveitada. Com melhor sentido de oportunidade e gestão de recursos, as instituições públicas e a comunidade poderiam ter tirado melhor partido deste projecto.

Um projecto artístico é uma estrutura orgânica, dinâmica, relacional. Resulta das relações que os artistas estabelecem entre si, das suas motivações, do seu envolvimento na comunidade. Um dia descobrimos que as nossas motivações se modificaram, que as relações se esgotaram. Nessa altura há que ter a coragem de saber acabar, recusar a fossilização. Porque não há nada pior para a actividade artística do que estagnar.

O projecto do Acto – Instituto de Arte Dramática consumou-se. Não se consumiu. Deixa em aberto um lugar que outros saberão ocupar. Com a consciência de que fomos capazes de alargar o espaço de liberdade de que somos portadores.

José Filipe Pereira
Director Artístico

O presente texto é um excerto do manifesto “Vida de Cão” apresentado publicamente a 20 e 21 de Outubro de 2006 no aTelier, em Estarreja.

